

(Continuação da página 13)

barrêta nova que havia de comprar nas Cruzes, procurou a caixa das esmolas, e muito de pronto, sem as olhar, deixou cair as duas placas pela fenda.

Com o desafoço próprio dos gestos decisivos, respirou mais compassado. Tudo clareara. Tam bem regado e tam bem pago, mal parecera a um santo não fazer brotar da terra a sua cabra Ruça, ou uma Ruça igual á outra. Haviam de vê-la, daí a nadinha, com olhos matreiros e pedaços de mato agarrados ao ve-lo, esfalfada da corrida, a dar-lhe marradinhas, acalmando, com blandícias rasteiras, a queixosa inquietação do guardador. Haviam de vê-la, á sua vadia...

Como se voltasse, especou, estarecido.

O Baltazar avançava, arremetendo, solidamente alicerçado nos direitos que um homem tem de, uma vez a cõngrua paga, inquirir de suas cabras, nem que seja nos redutos da divindade. Toda a força do corpo ressequido, duro de fibra, parecia concentrar-se na chance grossa, estar prestes a escoar-se.

—«Que é da cabra?»—

—«Estava eu...»

—«Tu cuidas que é com padre-nossos que se dá com o gado tresmalhado?»

Abeirava-se, e porque o viu fraco, já rendido ao fatalismo do pontapé, mais frangalho do que nunca, sovou-o como bruto que era.

Em rodopio doido, o Tone viu a igreja girar, numa sucessão caótica de incandescências, risos de beatitude alvar, branco das espumas a cobrir altares. Deu tento de a senhora Máxima abalar, anojada com o desacato.

Quando se viu só, caído a um canto qual traste quebrado, julgou-se miserável, escarnecido, espoliado de bolsa e ludibriado na sua fé de simples. A alma romba feita á claridade das coisas chãs, debatia-se na peia do sofismático proceder do santo.

Ardia em fúria surda, e ao sentir a carne des-

pertar do primeiro letargo, ferver-lhe o corpo em brasa viva, raivava contra o idolo, pela maroteira das moedas, e acima de tudo pela evidéntissima comodidade de ser de pau, e não se doer o troco que lhe cabia, em partilhas de tamanco vingador.

Derreado, rancoroso, como se levasse ferrado às nádegas um atiçado vespeiro, foi-se para a porta.

Em sol cheio, deformado pelas lágrimas, viu o monte agitado:—verde das ramas escorrendo para verdes de pastio, a cõma dos pinheiros alastrada, desdobrada em multiplicidades cromáticas, e palhetas de cristal inquieto, e brilhos de arraial pingando da pálpebra sobre o bailo veleiro da cõr.

A «féerie» do pranto embebeu-o por segundos.

Porém um badalar intermitente lembrou-lhe o gado. Lá estavam as cinco cabeças, paulatinamente moendo, alheias à ausência da desgarrada. Tinham-se voltado ao ranger do gonzo, e o pastor enterneceu-se, envolto na caprina doçura caída das pupilas familiares.

Faltava a Ruça... Se se perdia outra, ficaria mais só. O monte seria maior, mais vasta a mudez do pinheiral, onde a sua mesquinhez se perderia. Pastor sem cabras, que seria dele?

Por elas pois, por todas as Ruças que o monte tragsse, temeu a represália do santo, que afora a dobrez, lhe podia sair vingativo.

Novamente humilhada a alma por lapidar á transcendência do incompreensível, recuou até ao altar, engrolou uma Ave-Maria repêsa, e generosa e toscamente trazendo a si responsabilidades que lá para ele e sempre inculparia ao idolo, resmungou, a considerar-lhe os atavios de hermético simbolismo: —«Tamem!» Quem manda um meter-se com gente que não conhece?

Deixando por tributo a sua primeira hipocrisia consciente, cortou monte a cima, matutando no que diria á Rosa, e fielmente seguido pelo badalar triste do chocalho.

Poema da mulher nova

por Mário Dionísio

Vejo-te no mundo que não pára
como um grande lenço rubro desfraldado.
Vejo-te em mim quando me sinto massa
com milhões de braços e de pernas e uma cabeça de anjo.

Vejo-te na vida em marcha,
nas mãos estendidas.
Vejo-te em tôda a vibração,
nas plantações cobertas de girassois e de papoulas,
no tôpo dos tractores pulverisando a terra.

Vejo-te nua das sedas
com a boca rasgada numa canção de futuro
como um punho ameaçador à pestilência dos homens.
Vejo-te bela
com os cabelos ao vento
sem um talvez: perfeita.
Vejo-te mãe de milhões de homens novos,
de rosto calmo e olhos firmes,
através das labaredas e do fumo,
sem país e sem lar, a caminho da vida
—na descoberta constante.

(do livro inédito «PREGÃO»).